

COMENTÁRIO A “TELEONTOLOGIA: A EXPRESSÃO METAFÍSICA DA MODERNIDADE TARDIA”

Suze Piza

Filósofa e Professora da Universidade Federal do ABC (UFABC), São Bernardo do Campo, SP – Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-2394-6072> |  suzepiza@gmail.com

Referência do artigo comentado: AZEVEDO, Henrique. Teleontologia: a expressão metafísica da modernidade tardia. **Trans/form/ação:** Revista de Filosofia da Unesp, Marília, v. 47, n. 1, e0240078, 2024. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/14860>.

Recebido: 23/12/2023 | Aprovado: 09/01/2024 | Publicado: 28/03/2024

 <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2024.v47.n1.e02400144>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

COMENTÁRIO A “TELEONTOLOGIA: A EXPRESSÃO METAFÍSICA DA MODERNIDADE TARDIA”

Suze Piza¹

Referência do artigo comentado: AZEVEDO, Henrique. Teleontologia: a expressão metafísica da modernidade tardia. **Trans/form/ação:** Revista de Filosofia da Unesp, Marília, v. 47, n. 1, e0240078, 2024. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/14860>.

O primeiro ponto que gostaria de destacar é que o artigo de Azevedo (2024), o qual comentarei, tem uma característica que prezo bastante, nestes tempos em que estamos aprendendo a pensar na urgência: o autor diz a que veio. Define seu objeto, a teleontologia, como “[...] o procedimento do espírito deste tempo de deslocar a ontologia (investigação sobre o ser enquanto ser à qual a existência é um atributo) para uma teleologia”, e indica o que encontraremos, no final de um processo progressivo: “[...] em vez do Ser”, o Homem, este ente que se tornou o Grande Objeto desta investigação, ou seja, o autor nos mostra que a pergunta que não queria calar ‘sobre o ser enquanto ser’ deu lugar ao conceito iluminista de ser-homem (nunca realizado)”. O artigo expõe, ao mesmo tempo, uma tese e chama a atenção dos incautos para nossa maior obsessão [moderna] – nós mesmos.

Ainda no sentido de mostrar aos desatentos coisas relevantes para o nosso tempo, tempos de fim de mundo, o autor nos alerta que, “[...] à medida que o projeto de atingir o nível do ser-homem avançava, *clareava* a sua verdadeira natureza” (a metáfora da claridade não poderia ser melhor), “[...] a saber, a expansão capitalista/colonial como força unilateral e arbitrária que forçou todos a seguir paradigmas teleontológicos”. Tudo isso está no resumo, onde também está indicado que a “[...] teleontologia demonstra que a metafísica (greco-cristã) é um elemento particular (e nunca universal) submetido a uma cultura e expressa, no caso aqui em questão, a estrutura de pensamento eurocentrado que mundializou-se, por meio da expansão do capital/colonização”. No final do artigo, o autor reforça que a metafísica é

¹ Filósofa e Professora da Universidade Federal do ABC (UFABC), São Bernardo do Campo, SP – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2394-6072>. Email: suzepiza@gmail.com.

dependente e parte da cultura, e não contrário, e que, quanto mais forte é a cultura, mais fácil será acreditar que *seus* temas e questões metafísicas *pareçam* ser universais. Confesso, caro leitor e cara leitora, que já temos muito o que pensar, só com essas indicações. Mas o artigo vai além.

Azevedo (2024) diagnostica que a metafísica só é de fato confrontada, quando a colonização da América se consolida. Isso ainda choca aqueles que se acostumaram a acreditar que uma coisa nada tem a ver com outra, quando pensam (ou não pensam) na articulação entre filosofia e cultura ou, para ser mais precisa, em metafísica e geopolítica. Como tem afirmado Maldonado-Torres, é preciso avaliar a articulação entre raça (conceito metafísico, por excelência) e espaço, na obra desses pensadores europeus que nos habituamos a considerar como tradição.

São muitas as possibilidades de diálogo com o autor, que entendo é a razão de comentar um artigo, porém, eu me concentrarei em fazer apenas um deslocamento. Há várias referências a Heidegger e seu projeto, no artigo, o filósofo alemão que é alguém *contra* quem pensar, alguém para perverter as ideias. Em vários momentos (e não é só o autor que faz esse movimento, mas vários pensadores, no âmbito do que temos nos habituado a chamar de pensamento decolonial), procura-se nas teses heideggerianas sobre ontologia as raízes do próprio Ocidente e se denuncia sempre que as raízes da cumplicidade desse e de outros projetos análogos estão de acordo com uma visão cartográfica imperial e colonial.

Um dos muitos aspectos relevantes trazidos no artigo é que, quando confrontada com “novos entes” (no contexto da colonização da América), a metafísica tem de ser a ciência que primeiro “deve acomodá-los” na unidade, porque nada lhe deve escapar. Como afirmará Dussel, em *1492 - O encobrimento do Outro*, para fazer isso, vale tudo, até inventar o ser asiático “índio” – uma espécie de correspondente ou objeto intencional do mundo da vida colonial, em suas conjunções e sedimentações. Essa invenção do outro, “o não-Homem”, o outro-de-si, está inscrita no mesmo processo antropológico que subjaz a toda e qualquer inflexão moderna.

Heidegger tem muito a ver com tudo isso e é chamado, no artigo, com sua tese do esquecimento do ser, à problemática do esquecimento do ser. No entanto, cada vez mais temos percebido (eu me refiro a quem teve forte formação na tradição fenomenológica, mas pensa no Sul Global) o quão essa discussão precisa ser aprofundada. A *pergunta pelo sentido do ser* é a contribuição mais produtiva de Heidegger à problemática trazida no artigo, porque tal filosofia (em especial a cunhada em *Ser e Tempo*) nos permite ver mais que o projeto heideggeriano e seus comprometimentos com a Europa, os quais já são demasiadamente conhecidos. O que quero dizer é que, indo mais fundo, temos um instrumental ou recursos epistêmicos vindos da fenomenologia hermenêutica, em especial, que nos faz perceber os próprios limites dessa abordagem.

A própria filosofia heideggeriana nos permite pensar com profundidade no que está implicado, quando percebemos *ou não percebemos um ente*, quais são as condições históricas de manifestabilidade de um fenômeno, no caso aqui referido, de que maneira o mundo colonial e, depois dele, a permanência da colonialidade, tem sido o mundo onde aparece o Homem e onde aparece o não Homem, mesmo que subjugado, secundarizado ou exterminado. É da filosofia hermenêutica de Heidegger (a qual não é só dele, mas de toda uma comunidade de pensadores e pensadoras) e da tese de que é necessário *perguntar pelo sentido de ser* que surge uma compreensão do quão o horizonte hermenêutico colonial, único horizonte em que algo é no nosso mundo, articula toda e qualquer metafísica à geopolítica. Não à toa, pensadores como Maldonado-Torres têm explorado essas teses, na perspectiva do Sul Global. Em seus textos, defende que o limite de mundo de Heidegger fazia com que

[a]s geopolíticas filosóficas de Heidegger [fossem] ambiciosas, grandiosas e racistas. [...] O seu racismo não é biológico, nem cultural, mas sim epistêmico. Tal como acontece com todas as formas de racismo, o epistêmico está relacionado com a política e a socialidade. O racismo epistêmico descarta a capacidade epistêmica de certos grupos de pessoas. Pode basear-se na metafísica ou na ontologia, mas os resultados acabam por ser os mesmos: **evitar reconhecer os outros como seres inteiramente humanos** (Maldonado-Torres, 2008, p. 79, grifos meus).

Heidegger é um pensador o qual, mesmo que seja em termos de conteúdo antimoderno, e para dizer o mínimo pós-humanista, está no horizonte hermenêutico moderno, como nós também estamos, embora tendo um outro *ponto de vista*. A modernidade (modernidade *sem mais*) é o horizonte de aparecimento, um sentido de ser que orienta nossa percepção, nossa imaginação, uma direção prévia que orienta nosso conceber, nosso desejar e que, como campo de manifestabilidade, é também instância de verdade. A colonialidade é *um sentido de ser*. Nem com nem contra Heidegger, neste ponto, precisamos perguntar pelo sentido de ser, nesse contexto, o que nos cabe e o que fica fora desse limite. Parece-me que a teleontologia trata disso, pois ela está encerrada em um espaço determinado. Não é necessário, portanto, perverter as teses de Heidegger, porque não é disso que se trata, as teses são as mesmas: perguntar pelo sentido de ser em um campo de manifestabilidade é estar-em-um-mundo.

Humanos são seres de linguagem, como enfatizava Heidegger e como ressalta Mignolo. A colonialidade, como campo de manifestabilidade do saber, é também campo de manifestabilidade *do ser*. A metafísica ou a teleontologia é devedora de como e com quais recursos percebemos *quem* ou *o quê*.

Não se trata, portanto, de exigir que o não ser, em qualquer forma possível, seja percebido ou, como temos visto nos últimos tempos, *reconhecidos*; essa é uma armadilha ocidental-moderna. O não ser é percebido e é tematizado no horizonte hermenêutico

moderno-europeu-colonial, desde que esse foi constituído. Nesses termos, perguntar pelo sentido de ser é perceber o quão estamos normalizados, neste mundo, não sendo possível pensar a *diferença* para além do que temos feito. A não ser que...

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Henrique. Teleontologia: a expressão metafísica da modernidade tardia. **Trans/form/ação**: Revista de Filosofia da Unesp, Marília, v. 47, n. 1, e0240078, 2024. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/14860>.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/695>. Acesso em: 10 jan. 2024.